

Morrendo pela boca

Como temos visto, não só os peixes morrem pela boca, candidatos também se arriscam a este fim. É certo que ninguém está livre de falar ou fazer bobagem, mas no caso dos que disputam voto isso por lhes custar o destino. Do brigadeiro Eduardo Gomes e sua recusa aos votos dos marmiteiros ao próprio Fernando Henrique que, numa mesma eleição, confessou-se descrente de Deus e sentou aonde não devia na hora errada, os exemplos somam-se aos magotes.

Pois a campanha nem começou e o folclore de 1998 já se avizinha rico para arquivos futuros. FH inaugurou a temporada com os vagabundos, Paulo Maluf deu continuidade a ela fazendo graça com a Polícia Militar comandada pelo adversário Mário Covas, e Luiz Inácio Lula da Silva tropeçou numa levandade ao repetir de público o que seus companheiros falam há muito mas jamais ousaram dizer ao microfone.

Reza um dogma eleitoral que candidato que está ganhando deve evitar debates públicos. Como não há outra razão lógica disponível, a regra só faz sentido se tiver o objetivo de proteger o personagem de si mesmo. Claro, pois se for atacado e souber se sair bem ganha pontos. Mas se se deixar engolir, corre o risco de liquidar-se.

De qualquer forma, o silêncio pode funcionar como precaução, mas apenas durante um certo tempo. Além de as armadilhas do imponderável estarem permanentemente à espreita, é certo que em boca fechada não entra mosca, mas candidato mudo também não ganha votos.

O PT tinha escolhido o caminho da contenção verbal até que comessem os programas eleitorais. Na obediência a essa estratégia, o partido inicialmente parecia ter assumido o risco de adiar a explicitação de suas propostas econômicas até que, de posse do horário gratuito, pudesse falar sem se submeter a interpretações erráticas.

Mais que isso, Lula estava decidido a não entrar em bate-bocas de qualquer espécie justamente para evitar escorregar numa frase de mau efeito.

Pelo jeito, venceram os que no PT consideraram que o candidato deveria era aproveitar a maré favorável para ocupar espaço, não deixar Fernando Henrique correr sozinho, tentar consolidar o empate e, se possível, estabelecer vantagem nas pesquisas.

Em contrapartida, o governo adotou a sugestão de partir para a ofensiva pesada e saiu sem constrangimentos a pintar o cenário do caos. Num primeiro momento, a tática vitimizou Lula. Mas esse ambiente perdurou até que a esquerda, animada a responder, resolveu abrir o verbo e, junto com ele, a guarda.

**Ninguém está livre de
dizer bobagem, mas
aos que disputam
votos isso pode lhes
custar o destino**

Marco Aurélio García falou na taxação das empresas privatizadas, depois veio à baila a intenção petista – mais parecida, inclusive, com um pensamento pedetista – de submeter os capitais que aqui entram a uma quarentena, e, finalmente, o próprio candidato cometeu a irresponsabilidade de acusar o governo de fazer caixa dois para a campanha com a venda da Telebrás.

Num instante Lula feriu gravemente todo aquele trabalho que vinha tendo para convencer o eleitorado – notadamente o de classe média – que o temor ante a hipótese de sua eleição era injustificável. Não seguiu nem mesmo a própria linha adotada durante o encontro nacional do partido, há quinze dias, quando seu grupo bateu duro em propostas vãs e impediu a aprovação de teses jurássicas como a moratória da dívida externa e o apoio a invasões de terra.

Ali Lula também chamou a atenção de dirigentes e militantes para o extremo cuidado que todos deveriam ter com a nova situação. Discursou no final do encontro dizendo que a vitória ainda estava longe e que se o PT quisesse chegar perto dela deveria construir as condições mostrando-se à sociedade como alternativa responsável.

Quando partiu para a ação, no entanto, desarrumou o que pareceu relativamente arrumado até aos tradicionalmente descrentes.

A um só tempo mostrou-se imaturo (pois se as suspeitas relativas à Telebrás têm algum fundamento, ele pelo menos deveria ter-se cercado de alguns indícios concretos antes) e atrasado.

É lícito o argumento de que talvez o PT perdesse muito mais se continuasse calado. Pareceria desprovido de conteúdo e de energia, temeroso mesmo.

Mas será possível que o partido não tenha outra opção que seja um meio termo entre o silêncio e o discurso que já o levou à derrota duas vezes?

O mais surpreendente é que esse caminho existe e existe dentro do partido naquelas cabeças que ultimamente vinham falando de coisas com muito mais sentido que as que têm sido ditas. Idéias não faltam e o PT estava quase convencendo que desta vez elas iriam prevalecer. O problema é que de repente elas sumiram para dar lugar a procedimentos e pensamentos em vigor na outra ala da aliança que se estabeleceu para sustentar a candidatura de Lula.

Que, se continuarem a se sobrepor ao debate arejado que vinha se travando e ganhando espaços dentro do PT, podem acabar atrapalhando no lugar de ajudar. E, em vez de ampliar idéias e agregar eleitores, Lula pode estar correndo o risco de se estreitar no radicalismo do alheio.